

Judeus do Egito: mudanças e permanências no Brasil

Tamara Tania Cohen Egler

Professora IPPUR | UFRJ, pesquisadora CNPQ, cientista do Nosso Estado, FAPERJ

Contato: tamaraegler@uol.com

RESUMO

No Egito viviam 90 mil judeus, eu tinha nove anos quando eclodiu a guerra do Canal de Suez em 1957, minha comunidade foi obrigada a migrar para diferentes países do mundo. Essa diáspora me deixou muitas interrogações, era preciso compreender como essa comunidade conseguiu manter sua cultura acumulada ao longo de muitas gerações, e como se realiza o deslocamento desse corpo social, e a construção de suas condições de existência aqui no Brasil. A saída do Egito produziu um desenraizamento e o acolhimento no Brasil possibilita o deslocamento do seu *habitus*, quando se reproduzem suas práticas lidas nos mesmos negócios, na língua, na moradia no bairro de Higienópolis, em São Paulo, em torno de suas sinagogas e no abrigo de suas organizações comunitárias.

Palavras-chave: migrações, judeus, Egito, *habitus*, Brasil

ABSTRACT

In Egypt there were 90,000 Jews, I was nine years old when the Suez Canal war broke out in 1957, my community was forced to migrate to different countries of the world. This diaspora left me many questions, it was necessary to understand how this community managed to keep its culture accumulated over many generations, and how this social body is displaced, and the construction of its conditions of existence here in Brazil. The departure from Egypt produced an uprooting and the welcome in Brazil allows the displacement of its *habitus*, when reproducing their practices read in the same business, language, housing in the neighborhood of Higienópolis, in São Paulo, around their synagogues and the under their community organizations.

Key-words: migrations; Jews; Egypt; *habitus*; Brazil

Esse estudo nasceu da questão que interroga sobre o *habitus* dessa comunidade, e como ele se plasma no corpo social, e permite reconstruir, em pouco tempo, e com dignidade uma existência no Brasil. É essa questão que suscita a nossa pesquisa que procura responder às seguintes indagações: o que acontece com uma comunidade quando, por condições externas à sua vontade, é obrigada a migrar de um país para outro? Quais são as mudanças que podem ser observadas na organização da cultura, nas energias práticas, no seu cotidiano, na integração com a nova sociedade? Quais são as variáveis que se mantêm e quais são aqueles que se transformam?

Nosso objetivo é, portanto, fazer a memória coletiva dessa história compartilhada. A pesquisa nos leva a uma periodização do processo migratório, no sentido de identificar três momentos históricos: o primeiro sobre a vida no Egito, o segundo registra o processo de migração, no terceiro observamos as práticas de vida no Brasil. A estrutura da pesquisa foi concebida no sentido de identificar as práticas de vida em cada um dos países, para analisar as mudanças e permanências, na cultura, economia e energias práticas de vida.

Comunidade é um sentido de vida em comum, são relações sociais que colocam os indivíduos em comunhão, em coesão. A integração social resulta de um *habitus* lido nas formas de pensar, fazer e ser compartilhadas o que faz a integração de indivíduos em um ser coletivo. Para fazer essa importante contribuição teórica, Bourdieu faz a análise da casa cabile, na Argélia, para tanto observa as suas múltiplas determinações para além de sua materialidade, para adentrar na observação da cultura cabile, e incluir na sua análise as variáveis imateriais, como: contos, provérbios, ritos, objetos da cultura material, e o deslocamento dos corpos no espaço da casa. Ocupar o espaço de uma determinada maneira responde a uma forma específica de pensar, ser e agir, que resulta da cultura acumulada ao longo de muitas gerações (BOLTANSKY, 2005). Por isso Ana



Clara Torres Ribeiro (2011) nos revela como toda ação tem uma marca sobre o espaço. Essa percepção é muito importante porque reúne numa mesma totalidade analítica as relações matérias e imateriais lidas no espaço.

Esse grupo social compartilha das mesmas energias práticas, um mesmo rumo no movimento do seu ser, no tempo e no espaço. Ele se realiza através dos fios invisíveis de natureza comunicativa que fazem o tecido dos grupos sociais. Isso quer dizer que consideramos que a integração se realiza através da possibilidade de constituir esse coletivo que resulta da possibilidade de ler o mundo de forma compartilhada. Quando se trocam códigos, sentimentos, significantes, para dar o mesmo sentido (Bourdieu, 1998) e agir na mesma direção no mundo. Para tanto, é preciso unir esse coletivo, quando ele resulta do poder de compreensão coletiva. A com-

preensão antecipa a fala (Arendt, 1994) e se realiza através da comunicação, no domínio da vida onde se transmitem valores e conhecimentos culturais.

Não menos importante é incluir nessa reflexão Hanna Arendt (1981), que conseguiu fugir da Alemanha nazista e chegar aos EUA, quando na condição de ser judia, viveu o totalitarismo nazista e a democracia na América, quando interroga sobre as condições de existir, e busca compreender as origens do isolamento e desenraizamento. Para ela as sociedades se organizam através de vínculos que traçam as relações entre os grupos que tem identidades em comum e que fazem o poder de ação humana. Os grupos são constituídos através de vínculos que se representam por fios invisíveis de comunicação que ramificam o tecido social São relações de mutualidade, que reúnem os homens em sua desigualdade. É a formação de um espaço social, que pela concordância comum, produz o acolhimento, que reúne aqueles que não são iguais, mas estão unificados.

A exclusão é uma relação social que coloca à margem do tecido, num lugar de não pertencimento os indivíduos e grupos que não participam das formas de pensar, fazer e ser coletivas, sendo que o pensar, faz a cultura, o fazer as relações econômicas e o ser as relações entre o indivíduo e o coletivo. Os grupos sociais se integram, portanto, em formas de produção da cultura, da economia e da política e do espaço social.

A condição de ser judeu do Egito no Brasil é um caso exemplar de análise na medida em que a história da imigração pode ser lida no transcorrer dos últimos 40 anos, e temos elementos na realidade que nos permitem compreender as formas de integração, manutenção da identidade, e exclusão social. Temos ainda testemunhos que nos permitem observar, documentar, refletir, analisar e contar essa história.



A vida no Egito - o sol no azul do mar

A vida no Egito está guardada na memória dos que viveram o tempo imóvel, a felicidade infinita de um ritmo de vida dado pelo trabalho, rituais, escolas, pelas recepções, festas, e pela intensa atividade cultural.

A presença judaica no Egito tem uma longa tradição, é considerada uma das mais antigas comunidades judaicas do mundo. Os judeus viveram em Alexandria desde a sua fundação por Alexandre. Era uma comunidade plural composta pela presença de grupos de diferentes origens sociais Os Caraitas, de cultura judaico-árabe, muito antiga remontando há 3.000 anos, eram os mais pobres e tinham ritos particulares, falavam o árabe, rezavam de pés descalços, como os muçulmanos. Os Rabanitas, orientais de origem espanhola, eram os mais integrados à vida local, ocupavam um lugar especial na economia e na vida política, exerciam a liderança intelectual e política. Os Asquenazins de origem européia eram artesões e trabalhavam com jóias. Eles conservavam as tradições culturais nos rituais religiosos e na alimentação (EGLER, 1997).

O multiculturalismo no Egito, remonta às origens milenares, no século XX a imigração da Espanha, da Grécia, da França, da Itália, conduziu para a formação de uma nação judaica dentro do Egito, formada por vários grupos. Entre 1930 e final da década de 50, Alexandria foi centro importante da civilização mediterrânea. Uma história plural que permitiu a formação de uma comunidade de judeus do Egito. Na fronteira do ocidente com o oriente, um lugar onde se realiza um conjunto de práticas culturais próprias à essa condição judaica-árabe e européia. É como se esse multiculturalismo plasmasse essas diferentes origens culturais, reunindo num mesmo lugar do mundo, um pouco de cada uma dessas culturas.

Nessa convivência de paz, o diálogo com os árabes de religião muçulmana fluía no mar da abundância econômica, quando muitas vezes era possível observar sociedades comerciais formadas por parceiros judeus e árabes. Na política os membros da comunidade participavam dos mais altos escalões do Estado da nação egípcia, ministros, particularmente das finanças, ou ainda personalidades que detinham lugares importantes na vida nacional, como rabinos e médicos (Mizrahi, 1977). O que estamos reescrevendo é que existia um caminho de trocas entre a comunidade de judeus e egípcios que inclusive definiram a terminologia: judeus do Egito, uma condição judaica particular resultante de um processo histórico próprio.

A vida se desenvolve entre as atividades econômicas e de lazer. Nas imagens de nossa história podemos ver a abundância econômica, nas festas e nos rituais, e roupas que expressam a riqueza econômica e cultural do povo judeu no Egito. As festas comemoram a existência familiar e comunitária, e sua expressão está impressa nos jasmims e rosas que ornamentam casamentos e rituais. Assim, podemos entender essa história através de suas atividades produtivas e comemorativas, do que se é capaz de ganhar e do que se é capaz de comemorar.

A alegria de viver

A natureza deve ser considerada como mãe, é por essa razão que o sol é elemento fundamental na constituição dessa comunidade de homens, mulheres e crianças. É uma história florescente, que se realiza em um país onde as condições ambientais permitem um estar comunitário sob o sol no azul do mar mediterrâneo, da vida liberta no espaço onde acontecem todos os encontros de amigos e família.

A casa é a representação do lugar que as pessoas ocupam no seio da comunidade. Trata-se de um lugar que fala da condição econômica e representa a condição social. Os objetos que compõem a casa simbolizam os processos, a memória. É por essa razão que as jóias fazem parte do ritual comemorativo, expressão da capacidade de prover a existência familiar do homem. Enquanto a mulher se representa nos cuidados com a casa, a comida, com o bem estar material, responde pela ordem cotidiana da reprodução familiar.

A presença judaica no Egito era originária de diferentes grupos. Eles tinham suas próprias sinagogas e rituais, que realizavam os laços e identidades de cada grupo. Os casamentos aconteciam dentro dos grupos comunitários, e existiam clivagens que respondiam por relações de integração e exclusão. Era preciso compartilhar das crenças e das práticas sociais, para participar do tecido comunitário.

A conjuntura política e econômica no Egito

Corria em rio de abundância econômica, essa condição havia sido favorecida pela localização do Egito como entreposto comercial, que num primeiro momento do século XIX faz dos pais, um produtor privilegiado de algodão que era exportado no mercado internacional, para imentar os teares ingleses da produção têxtil. Durante a segunda guerra mundial o Egito se encontrava em pleno desenvolvimento econômico, quando a guerra favoreceu a exportação de mercadorias egípcias, o que intensificou o fluxo de moedas e produziu um grande enriquecimento local (Stambouly, 1984).

Ao mesmo tempo, a segunda guerra mundial cria um espaço político de tensão permanente que interrompe esse ciclo de riqueza e prosperidade, quando as atividades culturais foram interrompidas. Com o fim

da guerra tudo voltou à acontecer como antes. Era possível ver em Alexandria as principais manifestações da cultura européia como: a Comédie Française, cantores italianos, as orquestras, as conferências, que traziam as representações sociais européias para dentro do Egito multicultural (Egler, 1997).

Com a criação do Estado de Israel em 1948, acontece a primeira guerra entre palestinos e judeus, é quando se instala a desconfiança entre egípcios e es-trangeiros. A vida se politiza, as células comunistas se formam sob a proteção das organizações da juventude, os grupos sionistas se organizam nos clubes, e nos escoteiros israelitas, os movimentos nacionalistas árabes se defrontam com os irmãos muçulmanos nas escolas, nas universidades e em outras escalas de poder. O êxodo de judeus começa lentamente, discretamente.

A estória da família Bigio é emblemática, Com a criação do Estado de Israel em 1948, o governo egípcio promulga um conjunto de leis restritivas, quando a condição de existência dos judeus começou a piorar. Nesse contexto histórico, Leon Picciotto, líder de família, percebe o esgotamento da presença de judeus no Egito, quando reúne a sua família, formada por cinco irmãs, com seus maridos e filhos, sua mãe e seu irmão mais novo, para fazer uma migração coletiva. Para tanto, era preciso: convencer os membros da família para a importância da emigração, obter passaportes, vender os bens, guardar o dinheiro, organizar as viagens de toda a família. Em 1952, após 4 anos de preparação migraram para o Brasil, escolheram a cidade de São Paulo, onde alugaram uma casa no bairro de Higienópolis, para todos morarem juntos. Quando pouco a pouco foram capazes de criar meios de trabalho, cada um for morar na sua própria casa, e alcançaram o desígnio de manter a família reunida num mesmo país, cidade e bairro (Bigio, 2103).

O golpe de Gamal Abdel Nasser, em 1952 - cria uma conjuntura política de arabeização que redefine a presença judaica no Egito. Um último suspiro pode ser lido na volta do General Néguib, em 1954, que representava ainda uma ideologia livre, que se confrontava com as organizações religiosas e que destituiu o poder dos irmãos muçulmanos. Ele manteve um espaço de negociação com os países que então ocupavam o Egito, obtendo dos ingleses um acordo de evacuação do país em 26 meses. A revolução nacionalista nasseriana depôs o presidente Néguib, e as famílias foram se exilando lentamente. Foi o toque de recolher do cosmopolitismo (Balta, 1992).

O processo de arabeização se amplia, a Tunísia e o Marrocos alcançam sua independência, a revolução se prepara na Algeria, o nacionalismo de Nasser se propaga. Os russos ampliam sua presença no oriente e vendem as armas para o Egito, as relações de tensão entre os EUA e a URSS se estabelecem na guerra fria. São construídas as condições necessárias para a nacionalização do canal de Suez que ocorre em 26 de junho de 1956, quando Gamal Abdel Nasser, em comício na presença de 250 mil pessoas, promulga a sua nacionalização. Quando expressa a importância da independência econômica e política da nação árabe (Balta, 1992).

Em outubro de 1956, as tropas israelenses invadem o Sinai, e alcançam uma penetração importante no território egípcio sendo secundadas pelas tropas francesas e inglesas que desembarcam em Port Said e Port- Fouad. Mas a URSS ameaça com a utilização de armas atômicas, e convence os norte-americanos à uma ação comum em defesa da ordem do Oriente médio. É o fim da dominação franco-inglesa que vai dar lugar à nova doinação exercida pelos EUA e URSS (Balta, 1992).

Foram promulgados um conjunto de decretos de desapropriação de capitais, negócios, patrimônio que levaram ao exílio mais de 90 mil pessoas, que em pouco tempo perderam seus meios de produção material e o lugar para a sua vida. O processo se estende com um conjunto de restrições ao setor privado, fechamento da bolsa de valores, expulsão das comunidades estrangeiras. Todos os bens foram seqüestrados ou nacionalizados. Escolas, hospitais, fábricas, negócios, casas, teatros, cinemas. Absolutamente todos os bens que pertenciam às comunidades foram apropriados pelo governo árabe (Balta, 1992). Ficaram os bens materiais, mas o habitus, que se plasma no corpo social se desloca com os judeus do Egito, para o Brasil.

Entre 26 de julho de 1956 e 24 de março de 1957, foi um pesadelo. Houve um acordo entre as lideranças judaicas e o governo árabe, foi uma expulsão branca, quando as pessoas deveriam abandonar rapidamente o Egito sem direito à levar, dinheiro, patrimônio ou bens materiais. As pessoas se encontravam nas ruas, e trocavam informações sobre o país de destino (Egler, 1997). Os mais ricos foram para a Europa, os mais jovens para o Brasil, os mais pobres foram para Israel, o governo árabe colocou à disposição grandes embarcações, sendo que as pessoas foram sumariamente embarcadas, com seus pertences pessoais. Uns após os outros deixavam o país.

A cidade de Alexandria

Na história da cidade de Alexandria, as nacionalidades se confundiam no misto da condição judaica, européia e árabe. Assim na sociedade era possível identificar os pobres, como corpo de operários, pequenos funcionários, os egípcios burgueses ocidentalizados. Os egipcianizados, portadores de um passaporte, como os judeus, turcos, gregos, e outros povos do mediterrâneo. Os judeus europeizados, que tinham

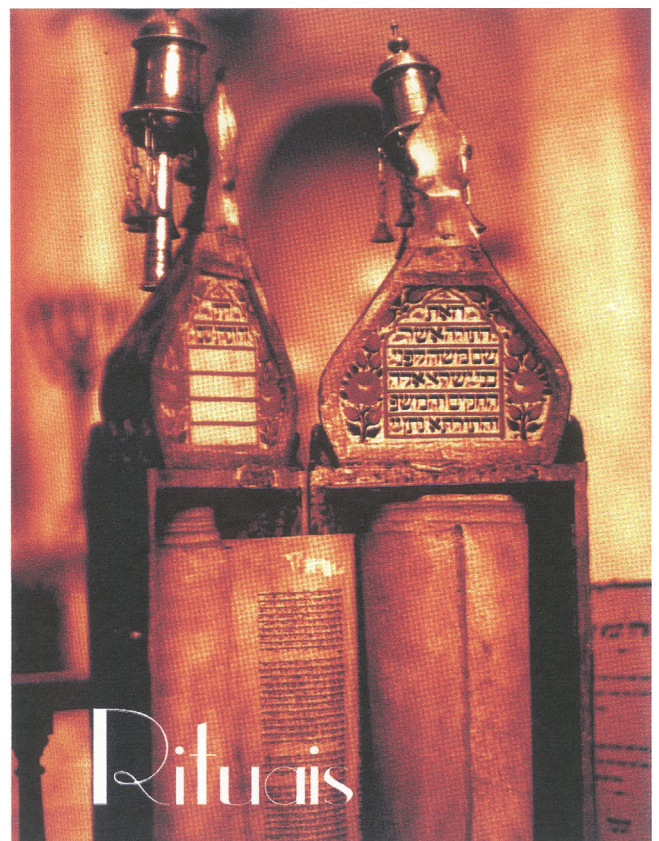
vivido no seio do império Otomano sem problemas, viviam no Egito, na condição de apátridas.

Ocupações de diferentes países, abertura do canal de Suez e crescimento da economia algodoeira, faz de Alexandria o porto mais importante dos países onde se reúnem as comunidades Judaica, francesa, inglesa e grega. No seu esplendor ela não foi apenas uma simples expressão do seu crescimento econômico, Foi uma cidade livre, suspensa no tempo, foi durante um século o símbolo de um Mediterrâneo aberto ao mundo e à diferença. Essa abertura ao mundo não é um simples cosmopolitismo. O que conta não é a multiplicidade das nacionalidades presentes na cidade; mas sobretudo as trocas que se realizam entre as diferentes origens culturais que constrói sua condição multicultural. É essa reunião de diferentes formas de *pensar, de ser e de fazer* que conformam uma totalidade cultural própria à essa comunidade alexandriense, partilhada pelas diferentes comunidades que habitam a cidade (Ilbert, 1992).

Alexandria, do mar, da *Corniche*¹, dos prazeres, lugar de encontro e diálogo de uma sociedade fundada sobre uma rica história econômica e política, expressa um Mediterrâneo onde tudo era possível, onde as fronteiras eram pouco importantes e os deslocamentos eram livres. Uma cidade quase ideal. Alexandria foi um importante lugar onde foi possível conjugar a condição individual de liberdade aos vínculos comunitários que remontam à antigüidade (Ilbert, 1992). E também ao mesmo tempo congrega a tradição otomana e européia aliando a cultura oriental e ocidental.

Uma sociedade plural fundada sobre a autonomia de diferentes grupos, quando se criou a possibilidade de gerir essas diferenças a partir da existência de um conjunto de interesses em comum. Durante a

primeira guerra mundial, acentua-se a condição de refúgio, quando seu porto recebe milhares de refugiados russos que migrando por causa da revolução bolchevique irão encontrar uma nova identidade comunitária, o mesmo com os armênios que em Alexandria encontram uma escala no caminho do exílio. Todos se transformam em Alexandrinos. Os homens exilados, têm uma família, um amigo; as normas são conhecidas, e as pessoas encontram um espaço de abrigo social. Funda-se uma tradição cultural estruturada sobre a convivência da diferença, solidariedade e vida comunitária.



O conselho de cidadãos

Com uma tradição política construída sobre a autonomia da municipalidade, que se concretiza pela criação de um conselho, eleito por sufrágio, que tinha por objetivo fazer a política urbana, produziram uma ação sobre a cidade que foi responsável pela construção da Corniche, a abertura dos grandes jardins e planejamento dos bairros populares. Financiando museus, teatros e obras literárias, esse conselho construiu uma cidade que foi capaz de competir com Gênova e Marselha. Através da municipalidade foi possível criar um espaço de cidade metropolitana, que elevou Alexandria para ser candidata à cidade para sediar as Olimpíadas de 1922.

Um grupo social formado por homens e mulheres, numa cidade cosmopolita, livre, onde todos se conheciam de forma pessoal, ligados por negócios, laços familiares e comunitários. A cidade moderna de Alexandria nasce dessa combinação de sociedade, uma cidade autônoma apoiada sobre interesses comuns. Alexandria se desenvolveu a partir da gestão desse conselho com espírito de cidadania e atenção às condições locais de vida. Produzindo uma política urbana voltada para o desenvolvimento da economia e do seu corpo social (Ilbert, 1992). O conselho implementou políticas públicas que funcionavam de forma a manter em boas condições o funcionamento de hospitais, da infra estrutura urbana, dos bairros populares e das praias.

O hospital israelita era reconhecido em todo o oriente-médio, as escolas como L'Union Juive, preparavam os estudantes para o bachaloriato das universidades francesas, as sociedades de cientistas e filantrópicas, expressam a importância das políticas de saúde e de desenvolvimento científico. Os recursos financeiros provinham de doações ao templo, taxas comunitárias, aluguel de imóveis juros sobre

capitais inalienáveis. Sendo que o poder era exercido pelo grande rabino.

A importância das sinagogas de Alexandria é bem conhecida. Eilhou Hanabi, que data da idade média, foi destruída por ocasião da invasão do Egito por Bonaparte, e depois reconstruída pelo pacha Muhamed Ali, entre 1936 e 1956. Uma das mais velhas sinagogas de Alexandria, a Zaradel, foi restaurada em 1384, Green, fundada em 1911, Sasson, na mesma data, Castro, 1920, Eliahou Hazan, 1930. A cidade de Alexandria foi construída pelas obras sociais, resultante do esforço comunitário, que permitia um sentido de comunidade e solidariedade e representa a história dos judeus no Egito (Hassoun, 1992).

Alexandria foi uma cidade que abrigou uma sociedade pluralista, fundada sobre a formação de um universo que respeitava a autonomia dos diferentes grupos. O objetivo proposto pelo Conselho gestor era a ampliação das condições de vida da sociedade. Por isso Alexandria se constituiu como uma cidade mágica, onde encontramos um espaço construído na convivência das diferenças (Ilbert, 1992).

A língua e a cultura

Entre o final do século XIX e o início do século XX, aconteceu um grande debate no seio da comunidade, que durou aproximadamente dez anos, sobre os caminhos da cultura judaica-árabe. Quando foi observado um movimento de ocidentalização que podemos ler nos discursos de Nouri Farhi, quando ele mostra sua inquietude frente ao crescente uso da língua francesa, e o abandono da língua árabe (Hassoun, 1992). O fato é que a ocidentalização se realizou, e judeus egípcios que eram, tornaram-se Europeus, brancos e israelitas. Mas, fora um grupo de intelectuais que olhavam para o mundo árabe, a



grande maioria sonhava em deixar o país. As pessoas preferiam ter uma identidade europeia antes de se encontrar numa condição egípcia. Por isso, era uma sociedade poliglota se que falava árabe, inglês, francês, italiano e grego.

As nacionalidades

Os estrangeiros, frequentemente portadores de um passaporte egípcio, se viram a partir de 1946, na condição de apátridas, enquanto que os autóctones, que haviam nascido no Egito, e de origem europeia, gozavam de proteção de seus países de origem, por exemplo os europeus de origem italiana da proteção do governo Italiano, os franceses do governo francês, e assim para outras nacionalidades. Em função disso, chegou a ser criada uma nacionalidade de ficção: sujeito local. O Egito foi o único país árabe que recusou a partir de 1945, aos autóctones que o habitavam, havia muitos séculos, a nacionalidade egípcia. Assim os judeus no Egito eram considerados estrangeiros (Hassoun, 1992).

A convivência de diferentes nacionalidades está associada à Lei da capitulação, que foi editada após a vitória de Bonaparte sobre o império Otomano. Essa lei previa que outras nações poderiam legislar, a luz de sua própria Constituição, sobre as pessoas que pertenciam à comunidade e moravam no Egito.

Na prática, isso quer dizer, que no Egito conviviam várias constituições que validavam a conduta das diferentes comunidades europeias (Egler, 1994). Interessava aos países por terem grande número de pessoas sob sua tutela. O que ampliava seu poder sobre o território e a sociedade.

Ao observar essas relações, Balta (1992) conta como os passaportes eram inclusive vendidos pelos consulados, e relembra a história de um amigo comunista que tinha comprado um passaporte espanhol. Quando foi preso, recomendaram-lhe que migrasse para a Espanha, para ir ao encontro dos franquistas. Como partir? Essa história, que hoje nos parece engraçada expressa como as pessoas tinham um passaporte italiano, francês, inglês, mas na verdade não detinham sua identidade nacional, e também não tinham direitos de viver nos referidos países.

O início do exílio

Essa situação dura até a segunda guerra mundial, quando a cidade vai conhecer o início de um processo de decadência, e vamos observar uma decomposição, uma quebra dos laços de solidariedade nas diferentes culturas que conformam a história local. A violência do exílio em 1957, com a partida das comunidades judaicas, francesa, inglesa e grega, e o processo de arabeização produz uma cidade esvaziada, destituída de vida cultural. Alexandria torna-se uma cidade deserta de vida cosmopolita. Quando estudamos as condições de vida que existiam no Egito, podemos perceber que elas foram deslocadas para o Brasil, e

quando observamos o esvaziamento de cidades como Alexandria, compreendemos a importância da *habitus*, para a análise dos grupos sociais.

A desapropriação de fábricas, negócios e patrimônio não resultou no enriquecimento, dos egípcios. As fábricas fecharam, os negócios faliram, a indústria parou, e hoje o Egito é um país muito pobre, porque não é a riqueza material que faz a riqueza social. Essa história mostra como os grupos sociais foram responsáveis pela criação das condições de sua própria existência no Egito, e quando contra a sua vontade, fizeram a viagem do exílio foi possível encontrar aqui, as mesmas condições que permitiram sua integração ao espaço multicultural brasileiro.

A vida no Brasil: permanências e mudanças

O ponto de partida da análise é a reconstrução da comunidade no Brasil. As mesmas relações de trabalho, de vida cotidiana e de representação podem ser lidas nas múltiplas esferas da vida familiar, das empresas e da vida comunitária. No início era preciso refazer a vida em todas as instâncias desde aprender a língua, refazer os negócios, reconstituir as formas de ação social através da compreensão dos códigos que formam a integração com os outros grupos sociais no Brasil.

Primeiro, foi necessário reconstituir a produção, assim quem trabalhava com o sistema financeiro, com moinhos de farinha, com fábrica de tintas, com vidros, com comércio, em muitos casos foram observadas a reprodução das atividades. É como se a fábrica ou o comércio tivesse sido transferido e recomeçado no Brasil. Esses fatos conduzem nossa análise para uma compreensão que considera que o sistema cognitivo se mantém na esfera da produção. Quem conhece a dinâmica do sistema financeiro,

as químicas das tintas, ou a sabedoria do comércio mantém a sua atividade. As famílias prosperaram e a vida se reproduziu. Os bens materiais foram desapropriados, mas restou o *habitus*, que permitiu que a criatividade reinventasse a vida.

Nos estudos realizados por Nádya Someck (1994) sobre as relações espaciais no Cairo e em São Paulo, ela demonstra como existe uma semelhança muito grande entre os bairros das duas cidades. Nas fotografias do nosso texto, vemos as imagens de Alexandria, que podemos comparar ao Rio de Janeiro, e observar como as cidades são também muito parecidas, inclusive nas características arquitetônicas dos seus edifícios. É como se fosse possível reencontrar elementos da espacialidade que pudessem ser reconstituídos, e onde as pessoas se encontram, e se atualizam o espaço construído e o espaço vivido.

No Egito, as comunidades estavam organizadas a partir de relações espaciais definidas por um sistema de proximidades. O bairro se organizava em torno da sinagoga. A mesma relação espacial se reproduz no bairro de Higienópolis em São Paulo onde foi construída a sinagoga e as pessoas passam a morar em seu entorno. No Rio de Janeiro, a comunidade se instala em Copacabana ao redor da sinagoga, reproduzindo as mesmas relações espaciais que eram observadas no Egito, através do urbano e da arquitetura. Elemento fundamental para o encontro dos membros da comunidade, é a casa do saber onde se transmitem valores, se reproduzem os ritos, se preserva a memória, se realiza a transmissão cultural e se fazem os elos de solidariedade social (Egler, 1997).

Os primeiros anos no Brasil foram dedicados a reconstruir os espaços de trabalho e de vida. Nos anos subsequentes, foi possível reconhecer um movimento de ascensão da comunidade lida no flores-

cimento das atividades econômicas e na construção do seu lugar na cidade. Essa história aponta para a importância dos sistemas cognitivos, referidos ao saber acumulado ao longo de muitos anos de florescimento desta comunidade no Egito.

O que se transfere é o habitus, capital simbólico, concebido como um sistema de comunicação que produz o consenso sobre o sentido do mundo, uma subjetividade coletiva e conduz para a integração social.

Como a comunidade foi obrigada a migrar, deixando para trás bens materiais como as fábricas, os negócios e as casas, que fazem o capital econômico e patrimonial, a nossa análise reconhece como o capital econômico pode ser importante, entretanto ele não define em si mesmo o desenvolvimento de uma comunidade. No caso que apresentamos, mesmo destituídos de seu capital econômico os judeus do Egito portadores de um capital simbólico, acumulado no corpo social, lido no pensar, fazer e ser, permite a reconstrução de sua existência. Além disso, os laços de integração para a manutenção das identidades comunitárias formaram um capital social que permitiu aos seus membros traçar os fios invisíveis de comunicação, produzir um sentido comum da ação e alcançar o poder da ação coletiva para o desenvolvimento da comunidade de judeus do Egito no Brasil.

Foi possível observar ao longo do processo histórico um movimento econômico ascendente, sendo que a comunidade ocupa um lugar importante na vida econômica do Brasil. O que importa reter é que o conhecimento acumulado pela comunidade de judeus egípcios na sua história milenar não foi perdido. Foram mantidos os saberes, sua criatividade e capacidade de ação coletiva.



A vida cotidiana é o lugar que nos permite a integração social. Quando se trocam objetos e sentimentos através de fluxos comunicacionais, são os valores, saberes e sabores que realizam a forma existencial da comunidade, conforma a estrutura valórica, e permite as o exercício de suas energias praticas. É o lugar onde se manifesta a existência dos homens, onde se realizam os diferentes modos de vida e se plasman suas práticas culturais. O jogo de cartas, as festas de casamento, os encontros reproduzem o espírito de convivência, amizade e festividade que marcam as formas de compartilhamento da existência, revelam como o grupo social se mantêm através de vínculos que reproduzem os laços de convivência e mutualidade. Na estrutura de valórica encontramos os elementos que reproduzem as personalidades dos indivíduos, das tradições e conteúdo que são compartilhados pela comunidade. Trata-se de observar a formação dos indivíduos e desenhar os contornos dos processos que conduzem para um sentimento de pertencimento e identidade que formam a ação coletiva.

O desafio desses homens e mulheres era decodificar e interagir. Para tanto era necessário conhecer a língua, os sistemas de códigos que constituem as relações sociais e a formação de uma nova identidade, mesclada pela interação com a cultura brasileira. Nas festas, na alimentação, nas condutas vamos encontrar elementos da cultura brasileira. Arroz, feijão e kibe para o prato de resistência diária. As festas brasileiras se incorporam, carnaval e festa junina passam a fazer parte das comemorações, no espírito de alegria que faz as práticas de vida cotidiana dos judeus do Egito, no Brasil.

Nesse deslocamento foi preciso construir novos objetos, reconhecer novos processos de interação social, reinventar as formas de representação sim-

bólica, tudo isso dentro de um movimento de preservação e manutenção, da estrutura valórica e das formas de expressão da cultura.

Hoje, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, encontramos indivíduos que fazem parte da condição de serem judeus do Egito no Brasil. Muitos alcançaram recompor as condições de sua existência, construindo fábricas, gerindo novos negócios, reconstituindo a esfera comunitária, renovando nossa forma de pensar, formando novas famílias. São o que restou da antigo Egito cosmopolita, espalhados pelos quatro cantos do mundo. Mas, a cultura não está morta, ela revive na organização comunitária, no trabalho, nas cozinhas, nas festas de casamento, nas práticas, e na estrutura de valores que trouxeram para o Brasil e que se confundem na forma de pensar e de ser desse grupo social integrado à vida no Brasil.

Sabemos que a primeira geração manteve a língua, as práticas sociais, as formas de cozinhar. Quando a segunda geração manteve as formas de pensar e de ser, a terceira geração não guarda mais uma identidade de judeus do Egito (Roucheau, 2002). É preciso escrever essa história, e aprender com ela uma lição de convivência que representa o exercício de respeito à diferença que marca o multiculturalismo da nação brasileira, uma prática social de inclusão, para compartilhar com o outro e de integração para a manutenção das identidades.

A vida será mais possível para todas as nações, quando os homens forem capazes de ver as múltiplas possibilidades de interagir nas oportunidades dadas pelo multiculturalismo, quanto maior as possibilidades de estar no mundo, de lidar e interpretar os signos, símbolos e representações que compõem o mundo, mais possibilidades de sobreviver e existir.

Notas de fim:

1. Quer dizer beira mar.

Referências Bibliográficas

ARENDETT, Hanna- *A condição humana*, Rio de Forense Universitária, Salamandra, São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, Janeiro São Paulo, 1981.

BALTA, Paul- 1956 – in i Ilbert, Robert e Yannakekis-Alexandrie- 1860-1960. *Un modèle éphémère de convivialité: communautés et identité cosmopolite*. Editions Autrement- Séie Mémoires, Paris, 1992.

BIGIO, Alain- *A Travessia*, de Ismaeleya a Higienópolis, São Paulo, Editora e livraria Sefer, 2013.

BOLTANSKI, Luc. *Usos Fracos e usos Intensos do Habitus*, in Encrevé, Pierre e Lagrave, Rose Marie. *Trabalhar com Bourdieu* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1998.

EGLER, Tamara Tania Cohen – *Trajetórias de vida : espaços de integração e exclusão*.in Lewin, Helena – *Judaísmo, memória e identidade*, Rio de Janeiro, UERJ, 1997.

FAUSTO, Boris- *Negócios e Ócios*, Rio de Janeiro, Companhia das letras, 2000.

HAZAN, Vera & outros- *Exposição Imagens da Imigração*, Evento Perfume de Jasmim, São Paulo, Clube a Hebraica, 1997.

HASSOUN, Jacques – *Les juifs, une communauté contestée*, in Robert e Yannakekis- Alexandrie- 1860-1960. *Um modèle éphémère de convivialité: communautés et identité cosmopolite*. Editions Autrement- Séie Mémoires, Paris, 1992.

ILBERT, Robert – *Une certaine citadinité* in Ilbert, Robert e Yannakekis- Alexandrie- 1860-1960. *Um modèle éphémère de convivialité: communautés et identité cosmopolite*. Editions Autrement- Séie Mémoires, Paris, 1992.

